

## UMA ANÁLISE ASPECTUAL DA CONSTRUÇÃO “DAR UMA X- (A)DA”

Lucilene Lisboa de Liz<sup>1</sup>

lucylisboa@gmail.com

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é compreender de forma mais geral funcionamento das construções “dar uma X-(a)da”. Um primeiro passo foi dado em direção a um estudo morfossintático dessas expressões, no entanto, tais investigações necessitam também de um estudo semântico. Para tanto, nosso estudo se preocupa, num primeiro momento, com uma discussão sobre a classe aspectual/acional que denotam estas construções. Para discussão a respeito de conceitos básicos relativamente ao aspecto, o respaldo será Vendler (1967) e em Smith (1997). Num segundo momento, interessa-nos a distinção entre as construções com *-ada* deverbal e *-ada* denominal. Com o estudo do aspecto procuraremos checar que propriedades distinguem estas formações e se de fato, do ponto de vista semântico, é necessário estabelecê-la. Concluimos que a formação denominal expressa sempre um evento *achievement*, espelhando o comportamento do verbo *dar* em construções plenas; enquanto que a formação deverbal mostra algumas restrições aspectuais

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto Lexical; Acionalidade; Formação denominal; Formação deverbal.

### INTRODUÇÃO

No presente artigo, pretendemos explorar, o comportamento aspectual (lexical)<sup>2</sup> das construções “dar uma X-(a)da”, na tentativa de investigar as restrições que pesam sobre a construção, ilustradas por (2) e (7b-c) abaixo. Estas construções são um tipo de expressão encontrado na língua falada e tem despertado o interesse dos estudiosos, sobretudo pelo seu grau de produtividade e frequência com que são encontradas nos dados de fala. Estas expressões são compostas, sob o ponto de vista morfológico, por

---

<sup>1</sup> Professora Contratada da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda pela Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Entenda-se aqui comportamento aspectual como “aspecto lexical ou acionalidade”. O emprego deste termo deve ficar mais claro na primeira seção.

duas formações: uma denominal e outra deverbal, como nos exemplos em (1a) e (1b), respectivamente.

- (1) a. A Francisca deu uma [[<sub>N</sub>faca] *da*] no João.  
b. A Joaquina deu uma [[<sub>V</sub>pens] *ada*] no assunto

Sentenças como (1a) são, morfologicamente, denominais, dado que a categoria do elemento que serve de base para a nominalização ser um nome (representado por N); já sentenças como (1b) são deverbais, pois a categoria que serve de base para a nominalização é um verbo (V).

Estas construções, devido ao seu comportamento, têm merecido atenção por parte de alguns estudiosos como Basílio et al (1994), Figueiredo Silva (2001), Figueiredo Silva & Lisboa de Liz (2003) e Scher (2004). Mais recentemente Lisboa de Liz (2005) realizou um estudo nos níveis de interface da gramática, no qual mostrou a necessidade de uma abordagem semântica destas construções, visto que propriedades sintáticas e morfológicas não eram suficientes para descrever algumas restrições que pesavam sobre elas. .

Num primeiro olhar, é possível afirmar, seguindo Lisboa de Liz (2005), que se tratam de duas construções distintas do ponto de vista morfossintático e que, no tocante à interpretação, também são bastante diferentes. Pode-se afirmar que do ponto de vista morfológico, conforme apontado em (1), trata-se de sufixos distintos, a saber, o sufixo –*da* que se liga a uma base de categoria nominal, em (1a), e o sufixo –*ada* que é agregado a uma base verbal, em (1b)<sup>3</sup>. Sob o ponto de vista semântico, de início, é possível dizer que as construções apresentam interpretações também distintas. Em (1a), por exemplo, a leitura é de um evento em que há um golpe de faca; já em (1b), a interpretação é de um evento superficial, um evento atenuado, nos termos de Scher (2004). Portanto, já se pode dizer que no tocante ao sentido veiculado por estas construções também são diferentes.

Mas é a impossibilidade de ocorrência da construção em (2) que nos levou a uma investigação de cunho semântico, já que (2) evidencia algum tipo de restrição sobre a formação destas expressões, que não encontra explicações nem na morfologia, tampouco na sintaxe:

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes acerca da morfologia destas construções, veja-se Lisboa de Liz (2005).

- (2) a. \*A Maria deu uma amada no João  
b. \*A Maria deu uma acreditada no Pedro.

Neste sentido, acreditamos que um estudo referente ao aspecto lexical sirva como um divisor de águas entre as construções denominais e deverbais, à medida que consiga explicar as restrições que pesam sobre elas e ainda destacar propriedades que as distingam também semanticamente. Para isso, a partir da seção 2, aplicaremos uma série testes tradicionais, respaldando-nos na literatura referente a aspecto lexical como em Vendler (1967), Verkuyl (1993) e ainda Smith (1997), entre outros. Estes pontos de vista teóricos serão trazidos à baila na primeira seção com o intuito de mostrar de onde partiremos para as nossas investigações.

## **1. ACIONALIDADE (ASPECTO LEXICAL) E ASPECTO**

A categoria aspecto é de complexa definição e está longe de constituir um ponto pacífico entre os estudiosos. As definições de aspecto são fornecidas a partir de visões bastante diferentes. Por um lado, há os que consideram o aspecto como uma categoria gramatical, que diz respeito ao modo de conceber ou experienciar uma ação expressa pela categoria lexical verbal; e, por outro, há os que não levam em consideração apenas o sentido expresso por esta categoria lexical, mas, sobretudo, a relação do verbo com outros elementos da sentença Lisboa de Liz (2005, p.67). Além desta falta de consenso para a definição de aspecto, surge um problema ainda maior, a confusão que se faz entre aspecto lexical, conhecido também pelo termo acionalidade, e aspecto verbal ou sentencial. De acordo com Pires e Basso (2006, p.13) “o aspecto refere-se à representação do evento feita pelo falante, como conclusivo ou inconclusivo; e a acionalidade refere-se à natureza do evento, se ele é ou não durativo, estativo ou possui um ponto final previsível (telicidade).” Para efeito de análise nas nossas discussões, trabalharemos como aspecto lexical ou acionalidade.

Aqui levaremos em conta tanto a categoria lexical do item que compõe a nominalização em *-(a)da*, visto que numa formação o item lexical que compõe a nominalização é verbal e noutra é nominal, quanto as relações de predicado- argumento

que se estabelecem nas construções, aí considerando especialmente o papel que desempenha o verbo *dar* e sua relação com os argumentos nominalizados em *-(a)da*.

### 1.1 AS CLASSES ACIONAIS, UMA GRANDE CONTRIBUIÇÃO VENDLERIANA

Vendler (1967) partiu da classificação aristotélica para definir uma tipologia aspectual. Segundo esta classificação, os verbos eram divididos em estativos e eventivos. Para Vendler, esta divisão aspectual ainda não era suficiente para dar conta dos fenômenos relacionados a aspecto. Então o autor lançou mão de sua conhecida quadripartição aspectual, que procura retratar diferentes as situações encontradas por meio de quatro classes aspectuais: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

O esquema do tempo utilizado por Vendler para a construção da quadripartição aspectual é como segue, (VENDLER, 1967 *apud* VERKUYL, 1993:34):

- a. Estado: ‘João amou Maria de  $t_1$  até  $t_2$ ’ significa que em algum instante entre  $t_1$  e  $t_2$  ‘João amou Maria’.
- b. Atividade: ‘Ana estava correndo em  $t$ ’ significa que  $t$  está num intervalo em que ‘Ana estava correndo’.
- c. *Accomplishment*: ‘Beth estava desenhando um círculo em  $t$ ’ significa que  $t$  está no intervalo em que ‘Beth desenhou aquele círculo’.
- d. *Achievement*: ‘Pedro ganhou a corrida entre  $t_1$  e  $t_2$ ’ significa que o instante em que ‘Pedro ganhou a corrida’ está entre  $t_1$  e  $t_2$ .

Esta quadripartição, cuja preocupação era mostrar que os verbos podiam ser enquadrados numa das quatro classes aspectuais supramencionadas, se baseia em qualidades semânticas das expressões verbais e, sendo assim, interagem com objetos e modificadores verbais. Esta perspectiva, portanto, além de se basear nos valores aspectuais inerentes aos predicados verbais, também considera a função dos modificadores.

Esta visão vendleriana, influencia ainda pesquisadores mais recentes como Smith (1997), que servirá de base para as nossas discussões de agora em diante.

## 1.2 UM NOVO OLHAR SOBRE AS CLASSES ACIONAIS

Além das quatro classes acionais já conhecidas pelo trabalho de Vendler (1967), Smith (1997) amplia a quadripartição vendleriana, agregando a ela uma quinta classe aspectual, a saber, a dos semelfactivos, que exploraremos mais adiante.

O que chama a atenção no trabalho de Smith, é que a autora parte de um conjunto de traços temporais para a definição das classes e, a partir disso, obtém a classe dos semelfactivos. Os traços seriam os seguintes: estático/dinâmico, télico/atélico, durativo/instantâneo.

O conteúdo de cada traço pode ser explicado do seguinte modo: os traços *estático/dinâmico* dividem as eventualidades em classes de estados e eventos: estados são estáticos, eventos são dinâmicos. Diz-se que um evento é dinâmico quando constituído de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes.

Quanto aos traços télico/atélico, a autora ressalta que eventos télicos envolvem uma mudança de estado que constitui o resultado, ou meta, do evento. Quando a meta é alcançada, uma mudança de estado acontece e o evento está completo. A categoria de eventos télicos inclui eventos sem agentes. Em contraste, eventos atélicos, por sua vez, são simplesmente processos, no sentido de que eles podem parar a qualquer hora: não há nenhum resultado. Em outras palavras, eventos atélicos têm ponto final arbitrário como em *soluçar*, *tossir*, por exemplo, em que não se pode prever um fim, senão arbitrariamente.

Finalmente quanto aos traços durativo/instantâneo, a autora chama a atenção para o fato de que o traço instantâneo é puramente conceitual, uma idealização, tanto que um evento como *ganhar a corrida* pode levar vários milissegundos, sem arruinar sua categorização como instantânea.

A partir destes traços as cinco classes aspectuais podem ser assim definidas:

As atividades caracterizam-se por apresentarem os traços [dinâmico], [atélico], [durativo]. Portanto, não apresentam um ponto final.

Os eventos do tipo *accomplishments* seriam compostos por um processo e por um resultado, ou mudança de estado; esta mudança representa a conclusão do processo. Esta classe representa eventos intrinsecamente finitos com sucessivas fases, nas quais os processos “caminham” em rumo ao seu ponto final. Cumpre lembrar que o estado resultante de um *accomplishment* pode ou não continuar. Eventos télicos, como *accomplishments*, por exemplo, podem ser classificados pelo tipo de resultado que eles

provocam, por exemplo: objeto afetado: quebrar um vaso; objeto construído: escrever um livro; objeto consumido: *destruir uma casa*; experienciador afetado: *divertir Maria*.

Os semelfactivos são eventos de um único estágio, com ou sem resultado, e são eventos atélicos. Eles apresentam os traços [dinâmico], [atélico], [instantâneo]. São exemplos de semelfactivos: *Sam tossiu*; *Della bateu na escrivantina*;<sup>4</sup> *bater a porta*; *soluçar*. Segundo Smith, os semelfactivos são incompatíveis com expressões diretas de duração, além disso, eles têm uma sintaxe dinâmica, não aceitam o ponto de vista imperfectivo são incompatíveis com formas que indicam duração ou conclusão: *Eu parei de bater*; *Eu bati durante uma hora*.<sup>5</sup> Segundo Smith (1997, p. 181), com este tipo de verbo, com contexto de duração, há uma mudança de interpretação e estes eventos são tomados como múltiplos eventos de uma atividade.

Os *achievements* são eventos instantâneos que resultam na mudança de estado. Eles têm a propriedade de serem [dinâmicos], [télicos], [instantâneos]. Estágios preliminares ou resultantes podem ser associados com o evento, mas eles não podem ser considerados parte dele. Embora muitos *achievements* tenham um processo preliminar a eles associado, ainda assim, não se estabelece nenhuma relação parte-todo entre este processo preliminar e o evento propriamente dito; logo, uma sentença de *achievement* é verdadeira apenas para um momento do evento. Se *Veridiana ganhou a corrida* é verdade para um tempo t, não se segue de que *Veridiana estava ganhando a corrida* é verdade naquele momento. O esquema temporal de um *Achievement* consiste em um único estágio, que é uma mudança de estado. Alguns *achievements* requerem estágios preliminares que podem ser convencionalmente necessários, como em *ganhar a corrida*: para ganhar a corrida alguém deve correr. Outros *achievements* têm preliminares em alguns casos e, em outros, não.

Finalmente, os estados se caracterizam por situações estáveis que se aplicam a um momento ou a um intervalo. Estados consistem de um período único indiferenciado e sem estrutura interna. Eles não são dinâmicos como atividades e eventos. Os pontos inicial e final de uma sentença estativa não fazem parte de um estado, representam situações distintas. Os estados apresentam os traços temporais [estático] e [durativo] e [atélico].

Os traços que caracterizam as cinco classes aspectuais são resumidos no quadro que segue:

---

<sup>4</sup> Estes são os exemplos (29a) e (29b) de Smith (1997, p. 180 tradução minha).

<sup>5</sup> Estes exemplos correspondem ao exemplo (30<sup>a</sup>-b) de Smith (1997, p. 181 tradução minha).

	Traços		
Classes aspectuais	Estático	Durativo	Télico
Estados	+	+	-
Atividades	-	+	-
Accomplishments	-	+	+
Semelfactivos	-	-	-
Achievements	-	-	+

A atribuição destes traços aspectuais/acionais como caracterizadores das cinco classes aspectuais parecem apontar um caminho para o estudo das construções “dar uma X-(a)da”. É este caminho que passaremos a desenvolver daqui em diante.

## 2. COMO O ASPECTO LEXICAL ATUA SOBRE ESTAS CONSTRUÇÕES

Nesta seção, exploraremos a proposta de Smith (1997), realizando o confronto entre as construções em *-(a)da* – isto é, tanto as deverbais, que apresentam um verbo para compor a nominalização em *-(a)da*, como em (3a), quanto as denominais, que utilizam um nome como base para o processo de nominalização, como no exemplo em (3b), com a construção bitransitiva canônica, em (4):

- (3) a. A Fernanda deu uma conversada com o Henrique.  
 b. A Pedrita deu uma bolsada na prima dela.

Aparentemente, estamos diante de sentenças idênticas, que portam apenas as características aspectuais do verbo *dar*; um grande engano, já mencionado por Scher (2004, p. 85). Basta que exploremos as propriedades de uma sentença bitransitiva comum, com *dar*, para que esta identidade seja posta de lado. Vejamos, então, o que acontece com uma sentença bitransitiva comum.

- (4) A Veridiana deu uma bolsa pra Ana Cláudia.

A sentença em (4) é constituída de um único estágio, em que se verifica mudança de estado em direção a um objeto beneficiário, a saber, *Ana Cláudia*. Trata-se de uma sentença que representa um evento dinâmico, porque envolve movimento de um objeto, *uma bolsa*, em direção a um receptor, *Ana Cláudia*; é instantâneo, porque ocorre num único estágio, ou seja, não há vários estágios de doação implicados no evento; e é um evento télico, porque há uma mudança de estado que constitui o resultado ou a meta do evento. Assim, de acordo com todas estas propriedades, tendo a sentença apresentado os traços [dinâmico], [instantâneo] e [télico], trata-se da descrição de um evento do tipo *achievement*.

Já em sentenças como as de (3), abaixo retomadas como (5), as propriedades aspectuais presentes parecem ser outras. Então, voltemos a elas. Scher (2004) nomeia estas construções de CVL, isto é, construções com Verbo Leve.

- (5) a. A Fernanda deu uma conversada com o Henrique.  
a'. A Fernanda deu uma conversada com o Henrique em cinco minutos.  
a''??A Fernanda conversou com o Henrique em cinco minutos.  
b. A Pedrita deu uma bolsada na prima dela.

Mesmo que os traços aspectuais de *dar* dêem pista de que se trata de um evento instantâneo, já que se trata de uma propriedade básica encontrada neste verbo, devemos verificar o que ocorre com a construção em “X-(a)da”. Primeiramente olharemos para as sentenças em (5a, a', a''). Percebe-se que a formação em (5a') é compatível com a expressão “em X tempo”, principal diagnóstico de telicidade, logo, a sentença parece denotar um evento télico. Em outros termos, se *Fernanda* deu uma conversada com *Henrique* das 2h às 3h, ininterruptamente, é dizer que ela também deu uma conversada das 2h às 2h15. Isto é, ‘conversar’ é sem dúvida um subevento componente de ‘dar uma conversada’; mas ‘dar uma conversada’ não parece ser um subevento de ‘dar uma conversada’. Isso, é claro, é compatível com a idéia de que ‘dar uma conversada’ é télico, confirmando a compatibilidade com ‘em X tempo’. Um outro traço presente é o de duração, uma vez que a eventualidade ocorre em sucessivos estágios. E ainda é possível dizer que se trata de uma eventualidade [- estática]. Então, pela coocorrência



destes traços pode-se inserir a formação em (5a) no bojo dos *accomplishments*, diferenciando-se da sentença *A Fernanda conversou com o Pedro* que, conforme aponta a incompatibilidade com a expressão “em X tempo”(5a’), trata-se de uma atividade.

A eventualidade denotada por (5b) é dinâmica, pois envolve movimento em direção a um objeto afetado; é instantânea porque parece apresentar apenas um estágio; e télica porque implica mudança de estado que constitui o resultado ou meta do evento. A interpretação poderia ser aquela em que *a prima dela* passa do estado de não agredida ao de agredida; neste caso, *Maria* constitui-se como a agente da agressão e *uma bolsada* como o objeto/ instrumento utilizado para a agressão ou a própria agressão. Quando a meta é alcançada, evidencia-se que a mudança de estado ocorreu e o evento teve um ponto final, isto é, se completou. Vê-se então que as propriedades de (5b) são distintas das presentes em (5a) quanto a pelo menos um traço: duração. Então a diferença entre (5a) e (5b) é que, enquanto (5b) é um *achievement*, do mesmo modo que a sentença em (4), (5a) é um *accomplishment*: é um evento télico que possui, como elemento inerente, uma atividade (de ‘conversar’) que precede o ponto final do evento. Assim, à primeira vista, a hipótese de que estaríamos frente a formações com comportamento não-uniforme parece ser confirmada. Na próxima seção, exploraremos com mais minúcia o comportamento aspectual das construções deverbal e denominal.

## 2.1 AS PROPRIEDADES ASPECTUAIS DAS FORMAÇÕES DENOMINAL E DEVERBAL

Ao investigar o comportamento sintático da construção “dar uma X-(a)da”, Lisboa de Liz (2005) observou que de fato teríamos duas construções, com comportamentos também distintos. A autora percebeu que as propriedades temáticas de uma sentença bitransitiva com *dar*, em Português Brasileiro, não são as mesmas que as das formações que compõem a construção “dar uma X-(a)da”. Do mesmo modo, na primeira análise que se fez acima, percebeu-se que as propriedades aspectuais das formações deverbal e denominal são diferentes daquelas encontradas numa sentença bitransitiva com *dar*; além disso, apontou-se para a possibilidade de que a formação deverbal em algum ponto também se afasta da formação denominal. Isso é o que se procura investigar nesta seção, ou seja, se esta última distinção pode ser realmente sustentada e quais propriedades aproximam ou distanciam os dois tipos de formação com *-(a)da*.

### 2.1.1 PROPRIEDADES ACIONAIS DAS FORMAÇÕES DEVERBAIS

Partindo da classificação vendleriana, pode-se afirmar que as sentenças em (6) são compostas a partir da nominalização de verbos de estado. O que se observa é que as construções deverbais rejeitam a formação com verbos que denotam estado.

- (6) a. \*A Maria deu uma amada no João
- b. \* A Maria deu uma estada no Pedro

Em (7) as sentenças são compostas de verbos que denotam atividade, (7a), *achievement*, (7b), e *accomplishment*, (7c):

- (7) a. A Ana deu uma empurrada no carrinho.
- b. \* Ela deu uma ganhada na corrida
- c. \* Maria deu uma fazida de/no sanduíche.

A sentença (7a), em especial, é uma grande evidência de que estas formações aceitam verbos de atividade: *empurrar* é precisamente o verbo empregado por Vendler para exemplificar uma atividade. A construção em (7b), com o verbo *ganhar*, que é um *achievement*, no entanto, é barrada. A sentença (7c), construída com um predicado que é um *accomplishment*, também não parece possível, o que sugere que este tipo de evento não pode ser selecionado pela formação deverbal. Mas percebe-se que (7c) contraria as expectativas, já que em (5a) temos a boa formação de um *accomplishment*.

Partindo agora para as formações possíveis, retomemos a sentença (7a). Nesta sentença, verificam-se os seguintes traços: trata-se de uma eventualidade dinâmica, porque é constituída não por um, mas por vários estágios de *empurrar*; apresenta ainda o traço [+ atético], tendo em vista que a sentença não expressa um resultado, nos termos de Smith (1997), ou, nos termos de Verkuyl (1993), não possui um limite natural; possui ainda o traço [+ durativo], porque a eventualidade se estende no tempo. Então, a sentença em (7a) sugere que é possível que a construção deverbal possa também selecionar uma atividade, tal como uma análise nos moldes de Vendler feita acima.

A atenção agora deve ser voltada para a sentença em (8).

(8) João deu uma lida no livro

O evento denotado por esta sentença representa um evento que se prolonga no tempo, isto é, a expressão *deu uma lida no texto* implica duração; outro traço presente é o [- estático], já que se trata de uma eventualidade dinâmica; apresenta, ainda, um ponto final, um tólos, ou seja, eu posso ter dado várias lidas no texto, nestas lidas eu posso ter feito as leituras até o final dele. Portanto, contrariando a expectativa que a impossibilidade de (7c) criou e confirmando o que (5a) sugere, a construção deverbal pode sim selecionar evento do tipo *accomplishment*

Observem-se agora as sentenças em (9):

- (9) a. A Maria deu uma tossida./\* em cinco minutos/por cinco minutos  
b. A Maria deu uma batida na escrivaninha./\*em cinco minutos/por cinco minutos

Tomando-se os verbos utilizados por Smith (1997) para as formações em (9), vê-se claramente a possibilidade de a construção selecionar um semelfactivo. Em (9a) as eventualidades *deu uma tossida* ou *deu uma batida na escrivaninha* não se estendem no tempo, isto é, ocorreram em um único estágio e tratam-se, portanto, de eventualidades instantâneas. Por outro lado, em ambas as eventualidades não se pode prever um limite natural, ou seja, não há um ponto final, por isso, pode-se afirmar que se trata de eventos atélicos. Isto pode ser confirmado pela incompatibilidade de (9a) e (9b) com modificadores do tipo “em X tempo”.

Pelas análises realizadas até aqui, a construção deverbal é uma função que seleciona um evento, mas não um estado, já que o traço de dinamicidade parece ser proeminente nestas construções. Também não parecem selecionar um *achievement* como sugere a sentença (7b), algo que não pode ser tomado como definitivo, uma vez que isto foi verificado através de um único exemplo. Contudo, estas construções podem selecionar eventos que denotam uma atividade, um semelfactivo ou ainda um *accomplishment*.

## 2.1.2 PROPRIEDADES ACIONAIS DAS FORMAÇÕES DENOMINAIS

Com relação às formações deverbais, constatou-se que parecem poder selecionar tanto eventos de atividades como de semelfactivos. Nesta seção faremos uma análise similar com as formações denominais, procurando identificar suas propriedades de acionalidade.

Observem-se os exemplos em (10):

- (10) a. A Pedrita deu uma bolsada na prima dela.  
b. O Tomás deu uma livrada na cabeça do coleguinha.  
c. O João deu uma facada no ladrão.

De início é possível perceber que o sentido veiculado pelas sentenças deverbais é bastante distinto do veiculado por estas formações, isto é, enquanto as formações deverbais podem ter a interpretação de um evento que ocorre de forma atenuada, nos termos de Basílio (1999) ou, nos termos de Scher (2004), de maneira diminutivizada, as denominais apresentam um sentido de “dar um golpe com N”. Na sentença (10a), há um agressor, *Pedrita*; o agredido, *a prima dela*; e ainda o objeto que serviu de instrumento para a agressão, *livro*. É este nome o *livro* que é a base para a nominalização em *-ada*. A mesma interpretação também é obtida nas demais sentenças, o que variam são os agressores, os agredidos e os objetos da agressão, mas a interpretação de agressão está sempre presente.

Com respeito ao aspecto de sentenças denominais pode-se dizer que há uniformidade, conforme mostram as análises delas.

A sentença (10a) expressa uma eventualidade dinâmica, instantânea e télica. De acordo com Smith (1997), o traço [dinâmico] é aplicado a esta sentença em oposição à ausência do traço [estático] encontrado apenas em eventualidades estativas; o traço [instantâneo] se justifica pelo fato de a eventualidade “dar uma bolsada” ocorrer num momento único; já o traço [télico] pode ser explicado pelo fato de a eventualidade ter um limite e ainda por envolver movimento de um “objeto” em direção a uma Fonte, em que há mudança de estado: *a prima dela* estava sem marca alguma no corpo até que foi agredida por *Pedrita* com *uma bolsa* e lhe ficou uma mancha roxa na região atingida. A mesma análise feita para (10a) pode ser aplicada às demais sentenças em (10) e, as mesmas propriedades encontradas na primeira sentença também são encontradas nas

demais. Parece que de fato, nas sentenças denominais, a grande contribuição aspectual vem do verbo *dar*, isto é, há uma contribuição maior do verbo *dar* à construção, que parece ser menor nas construções deverbais (LISBOA DE LIZ, 2005: 88).

Os testes em (11) fornecem evidências de que realmente se trata de uma formação que denota um evento pontual:

(11) a. A que horas o Pedro deu uma facada no João?

Às 10h30m.

b. A Alicinha deu uma pedrada na cabeça da Fabi às 11h; A Fabi ainda está com um galo enorme.

c. A Maria acabou de dar uma mochilada na Ana.

Então, o que os testes acima confirmam é que, com respeito à formação denominal, sempre se pode precisar com exatidão o momento no qual ocorreu a eventualidade, ou seja, as formações possuem um caráter pontual intrínseco. E isto, segundo Verkuyl (1993), só pode querer dizer que se trata de eventos télicos, pois estes são compatíveis com expressões pontuais. Portanto, confirma-se a hipótese inicial de que a formação denominal descreve sempre um evento do tipo *achievement*, cujos traços são [dinâmico], [télico], [instantâneo].

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propriedades aspectuais /acionais encontradas na construção “dar uma X-(a)da” mostraram que de fato há uma distinção também de cunho semântico no que diz respeito às duas formações, denominal e deverbal, o que confirma que de fato estamos diante de duas construções com propriedades muito distintas. Com esta análise conseguimos explicar a restrição que pesa sobre as sentenças em (2) ou, dito de outro modo, porque não há possibilidade de formação destas construções com verbos como *amar e acreditar*. Verbos como estes apresentam o traço de estaticidade, e nas construções com X-(a)da o traço de dinamicidade é proeminente, disso decorre, portanto, a impossibilidade das formações em (2). Além disso, nossa investigação mostrou que estas construções, além de não poderem denotar um estado, também

parecem não selecionar eventos que denotam *achievements*, o que explica a restrição sobre (7b).

Já a formação denominal se comporta de outra forma, talvez devido à categoria da base que forma a nominalização possuir os traços [-V, +N], um nome. Uma vez que se trata de um nome, que, a princípio, não apresentaria propriedades aspectuais independentes, esta construção parece manter as propriedades aspectuais do verbo da construção, a saber, o verbo *dar*, sentença em (4). Então, os traços [dinâmico], [instantâneo] e [télico] característicos de uma sentença bitransitiva típica com *dar* se mantêm nas sentenças em que estão presentes as formações denominais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BASÍLIO, M; & Martins H. “Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais”.  
*In: Para sempre em mim – Homenagem à Professora Ângela Vaz Leão*. Leila P. Duarte (org). MG: PUC, 1999;
2. GRAMÁTICA do Português falado/Maria Bernardete, M. Abaurre e Angela G. S Rodrigues (orgs.) – Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2002.
3. GONÇALVES, Claudio C. C. Problemas da perífrase estar + gerúndio/ Assis : / s.n./, 2002.
4. ILARI, Rodolfo. A expressão do tempo em Português. SP : Contexto : EDUC. (Repensando a Língua Portuguesa, 1997.
5. LISBOA DE LIZ, Lucilene. “*Dar uma X(a)da*”: um trabalho de interfaces. Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2005.
6. OLIVEIRA, F. Algumas questões sobre Tempo e Aspecto. In *Cadernos de Semântica –09*; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.
7. PIRES, Roberta O; BASSO, Renato M. *Semântica- Módulo 3 – O Sintagma Verbal – Tempo, Aspecto e Acionalidade*. Disponível em: [tp://www.cce.ufsc.br/%7Epires/modulo3.pdf](http://www.cce.ufsc.br/%7Epires/modulo3.pdf).
8. SCHER, Ana Paula. “Verbos Leves no Português do Brasil: o caso de DAR e as categorias aspectuais” In: *Anais do II Congresso Nacional da Abralín*, Florianópolis, 2000. Acesso em: 23 nov.2006.
9. \_\_\_\_\_. “Construções com o verbo leve dar no Português Brasileiro e a hipótese sintática de base predicativa de Borer”. In: *Letras de hoje: Estudos e debates de*

assuntos de lingüística, literatura e língua portuguesa. Carlos Miotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Sérgio Menuzzi (orgs.), PUCRS, RS, n 131, 2003(p 227-235).

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é compreender de forma mais geral funcionamento das construções “dar uma X-(a)da”. Um primeiro passo foi dado em direção a um estudo morfossintático dessas expressões, no entanto, tais investigações necessitam também de um estudo semântico. Para tanto, nosso estudo se preocupa, num primeiro momento, com uma discussão sobre a classe aspectual/acional que denotam estas construções. Para discussão a respeito de conceitos básicos relativamente ao aspecto, o respaldo será Vendler (1967) e em Smith (1997). Num segundo momento, interessa-nos a distinção entre as construções com *-ada* deverbal e *-ada* denominal. Com o estudo do aspecto procuraremos checar que propriedades distinguem estas formações e se de fato, do ponto de vista semântico, é necessário estabelecê-la. Concluímos que a formação denominal expressa sempre um evento *achievement*, espelhando o comportamento do verbo *dar* em construções plenas; enquanto que a formação deverbal mostra algumas restrições aspectuais

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto Lexical; Acionalidade; Formação denominal; Formação deverbal.

**ABSTRACT:** This paper aims at understanding in more general way the semantic constraints raised by the construction "dar uma X-(a)da". A morphosyntactic study of this expression was a first step in this direction, and it showed that there are two constructions: a deverbial and a denominal one. However, such an investigation also needs a semantic study. In order to do so, we first worried about the aspectual class / acionality selected by these constructions. For discussion regarding basic concepts relatively to aspect, the back-up is Vendler (1967) and Smith (1997). In a second moment, it interests us the distinction between the constructions with *-ada* deverbial and *-ada* denominal. With the study of the aspect we investigate whether aspectual properties distinguish these formations and whether, in fact, from a semantic point of view, it is necessary to establish it. We conclude positively. We concluded that the denominal formation expresses an event achievement, mirroring the behavior of the verb *to give* in full constructions; while the deverbial formation shows some restrictions.

**KEYWORDS:** Lexical aspect; Acionality; Denominal formation; Deverbial Formation.

Recebido em 05 de dezembro de 2006.

Artigo aceito para publicação no dia 26 de fevereiro de 2007.